

# **“COMO FISGAR SEU LEITOR LOGO DE CARA” ANÁLISE DE DICAS DE ESCRITA PARA IMPACTAR O PÚBLICO NOS PRIMEIROS CONTATOS COM O TEXTO**

## **HOW TO FISGATE YOUR READER IMMEDIATELY” ANALYSIS OF WRITING TIPS TO IMPACT THE PUBLIC IN THE FIRST CONTACTS WITH THE TEXT**

**Ananias Agostinho da Silva 1**  
**Francisco Vieira da Silva 2**

***Resumo:** Este trabalho tem a pretensão de refletir sobre o conteúdo de dicas de escrita veiculadas em páginas de sítios eletrônicos. Em específico, pretende analisar dicas que orientam jovens escritores a respeito de como impactar ou conquistar os leitores já no início do texto. Para tanto, a discussão pauta-se nos estudos da Linguística do Texto, sobretudo acerca da atividade de produção textual, no sentido de fundamentarmos as considerações aqui realizadas sobre as dicas de escrita. As análises apontam que são dicas que apresentam um caráter generalizante e que estão essencialmente preocupadas em agradar o leitor, não levando em conta outros aspectos fundamentais na escrita de um texto.*

***Palavras-chave:** Ler. Conteúdo. Escrever.*

***Abstract:** This paper intends to reflect on the content of writing tips published on pages of electronic websites. Specifically, it aims to analyze tips that guide young writers as to how to impact or win readers already at the beginning of the text. For this, the discussion is based on the studies of Text Linguistics, especially about the activity of textual production, in order to base the considerations made here on the writing tips. The analyzes point out that these are generalizing tips that are essentially concerned with pleasing the reader, not taking into account other fundamental aspects in writing a text.*

***Keywords:** To Read. Content. To Write.*

---

Professor adjunto da Universidade Federal Rural do Semi-Árido, atuando no Departamento de Ciências Humanas, do Câmpus Multidisciplinar de Angicos. É professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Ensino (POSENSINO), da associação ampla entre a Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte e do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. É também professor permanente do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), Unidade de Pau dos Ferros, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6624168203166513>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5442-5133>. E-mail: [ananias.silva@ufersa.edu.br](mailto:ananias.silva@ufersa.edu.br) **1**

Docente da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) e do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e do Programa de Pós-Graduação em Ensino (POSENSINO) da associação entre a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), a Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) e o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8730615940772209>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4922-8826>. E-mail: [francisco.vieiras@ufersa.edu.br](mailto:francisco.vieiras@ufersa.edu.br) **2**

## Introdução

É muito frequente ouvirmos reclamações de alunos e de leitores em geral de que começam a ler um livro ou mesmo um texto de qualquer tipo, mas não conseguem ir até ao final da leitura. Surge alguma pedra no meio do caminho (parafraseando Drummond) ou uma selva escura (parafraseando Dante Alighieri) ou mesmo um rio (parafraseando Jobim). Na maioria das vezes, os obstáculos encontrados tornam-se o fim do caminho. E o texto é deixado de lado, é perdido, cai no esquecimento ou é trocado por outro que poderá ter também o mesmo triste destino que o anterior. É o fim do texto para aquele leitor, um fim bastante precoce, prematuro, sem chance alguma de sobrevivência, ou melhor, de permanência. E o pior é que pode também ser o fim do leitor, frustrado com a experiência desagradável de não conseguir ler um livro ou um texto.

Questiona-se sobre a causa do infortúnio. Estaria o problema no texto, no autor ou no leitor? Os leitores, no geral, confiam na última opção, ou seja, eles acreditam que o problema decorre de dificuldades do próprio leitor, geralmente de ordem cognitiva ou de fatores externos, relacionados às experiências de leitura de cada leitor ou mesmo ao ambiente ou condições onde se realizam as leituras. Por outro lado, há quem creia que se trate de um problema ligado ao estilo do autor do texto, o que sugere uma valoração de tipos de autores: autores bons e autores ruins. São bons os autores que conseguem impactar o público leitor desde o início até ao fim de um texto. Já os autores ruins não conseguem fazer isso que se entende como uma proeza, como uma qualidade exclusiva dos bons autores.

Finalmente, há quem entenda que o problema não está nem no leitor e nem no autor, necessariamente, mas no texto, ou seja, alguns textos são bem escritos e outros não o são. Inevitavelmente, isso implica também acusar o autor, mas fazendo a ressalva de se considerar que um mesmo autor pode escrever textos considerados bons e textos que não conseguem cativar e conquistar os leitores, e por isso devem ser tidos como exemplos ruins de texto. Em todo caso, como resumo, depreende-se que impactar o leitor desde as primeiras linhas seria uma característica exclusiva dos textos bons.

Como que intencionados em contribuir com a formação de autores que buscam escrever bons textos, seja para fins pedagógico-acadêmicos ou mesmo profissionais, na atualidade, em substituição aos antigos manuais de redação e guias de escrita, diversas revistas e sítios eletrônicos têm investido na publicação *online* de materiais com dicas de escrita que devem ser seguidas pelo bom autor, aquele que sabe escrever bons textos. São dicas de tipos os mais diversos, focadas em aspectos gramaticais, em sua maioria, mas também para as dimensões estética, composicional, estrutural, genérica, cotextual, enfim.

Algumas dessas dicas se voltam para a conquista do leitor. Estratégias das quais pode lançar mão o autor para impactar o público já nos primeiros contatos com o texto e assim convencê-lo a fazer a leitura por inteiro. São dicas que servem para potencializar o texto, no sentido mesmo de torná-lo mais atrativo, cativante, e que parecem seguir a orientação do senso comum de que a primeira impressão é a que fica. Logo, colocam-se como sugestões importantes que podem ser adotadas por um autor que tem a pretensão de conquistar leitores para seus livros ou textos. Na maioria das vezes, são apresentadas como se fossem técnicas que podem ser apreendidas ou copiadas por quem pretende escrever para, de alguma maneira, ganhar a adesão de muitos leitores. O objetivo, pois, é incrementar a qualidade do texto e, como efeito, alavancar a carreira do escritor, que poderá ter muitos outros leitores conquistados.

Nesse ponto, esse tipo de dica de escrita parece ser muito bem-intencionado e, de alguma forma, contribuir com a qualificação de escritores de textos. No entanto, por outro lado, o caráter mecânico e excessivamente generalizante dessas dicas pode ter no texto um efeito reverso, comprometendo sua qualidade e em quase nada contribuir para impactar ou convencer o leitor a fazer a leitura do texto por completo. É que a atividade de produzir um texto nem sempre pode ser aprendida ou mesmo melhorada a partir de um conjunto de técnicas. A produção de um texto, contudo, mesmo que o seu autor seja experiente, é sempre uma atividade única, que se realiza num determinado contexto específico, de maneira situada, para se alcançar algum propósito comunicativo pretendido. Forjar a fabricação de um texto com base em um conjunto de técnicas pode ter consequências danosas para a qualificação do autor, para os textos que ele escreve e para o leitor desses textos. Assim, nesses casos, ao invés de contribuir para impactar o leitor de um

texto desde as primeiras linhas, essas dicas podem, como que por equívoco, provocar um efeito indesejado, afastá-lo do texto.

Interessa-nos refletir sobre o conteúdo dessas dicas, no sentido de averiguar os possíveis equívocos que podem apresentar em relação ao que se entende por bom texto e de ponderar sobre as consequências que podem também trazer quando apreendidas e mobilizadas imprecisamente. Ademais, tencionamos destacar que o emprego desse tipo de dica pode cercear os usos expressivos da linguagem de que dispõe o autor de um texto, dado o seu caráter eminentemente criativo. Para tanto, pretendemos, ainda, um diálogo com os estudos da Linguística do Texto, sobretudo acerca da atividade de produção textual, no sentido de fundamentarmos as considerações aqui realizadas sobre as dicas de escrita.

## Múltiplos olhares sobre a escrita

Há diversas possibilidades de enxergar a prática da escrita. Desde perspectivas que consideram os processos de aquisição da escrita (como os clássicos trabalhos em Psicologia e Pedagogia de Emília Ferreiro, Ana Teberosky e Teresa Colomer), as transformações dessa tecnologia ao longo do tempo (como o faz Eric Havelock) as relações existentes entre escrita e letramento (com destaque para os trabalhos de Magda Soares) bem como as implicações do ato de escrever da constituição dos sujeitos, da autoria e da subjetividade (na perspectiva elaborada por Michel Foucault. Existem ainda diversas reflexões que recobrem o fenômeno da escrita em distintos campos do saber. Só para ilustrar, temos as discussões que são empreendidas por Michel de Certeau (1999) acerca da economia escriturística e as elucubrações de Albuquerque Júnior (2018) a respeito do necessário envolvimento do historiador da construção de uma história das sensibilidades. Nas palavras deste último autor: “No momento em que escrevemos, todo nosso corpo está envolvido no que realizamos. Desde a produção acelerada da adrenalina para nos manter espertos e capazes de reflexão e ação, até nossas emoções, nossos desejos e nossas pulsões [...]” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2018, p. 59).

Partindo dessa provocação, gostaríamos de propor neste breve tópico alguns apontamentos que advogam em favor de considerar a prática da escrita no cerne de um enquadre heterogêneo que envolve o sujeito, o outro e o corpo. Nesse sentido, Foucault (1992) defende, a partir do minucioso exame de textos e tratados de gregos, romanos e filósofos dos primeiros tempos da era cristã, que a escrita é um exercício, uma espécie de treino. Conforme coloca o autor: “Nenhuma técnica, nenhuma aptidão profissional podem adquirir-se sem exercício: não se pode entender a arte de viver, a *tekne tou biou* sem uma *askesis*, que é preciso entender como o adestramento de si por si mesmo”, e ainda: “a escrita constitui uma etapa essencial no processo para o qual tende toda a *askesis*” (FOUCAULT, 1992, p. 132). Assim, a escrita é entendida pelo autor como uma técnica que, a um só tempo, é responsável por treinar o sujeito que escreve, o outro (ainda que seja presumido) para quem escreve e uma certa corporeidade margeada neste encontro do eu com o tu.

Para corroborar essa alteridade da escrita, pensemos nos modos através dos quais as abordagens encetadas no rol dos estudos linguísticos, notadamente no escopo da Linguística de Texto, têm cada vez mais levado em consideração que a prática da escrita envolve necessariamente relações entre o sujeito que escreve, o sujeito que lê e o contexto no qual ocorre essa interação<sup>1</sup>. Nesse sentido, as reflexões empreendidas por Koch e Elias (2012) destacam-se como bastante produtivas. As autoras frisam que os vários discursos e as vontades de verdades atinentes ao fenômeno da escrita, dentre os quais: *escrever é inspiração*, *escrever é uma representação do pensamento*, *escrever é uma atividade para alguns poucos privilegiados* (aqueles que nascem com esse dom e tornam-se renomados escritos) ou ainda *escrever é dominar as regras gramaticais* estão amparadas em determinadas concepções de sujeito, de linguagem e de texto que ora parecem focalizar o código linguístico e o sujeito escritor, ora consideram o fenômeno interativo da escrita. Assim, nessa direção, a maneira como se entende a escrita depende essencialmente do foco a partir do qual recai a atenção: na língua, no escritor ou na interação escritor-texto-leitor.

Na linha de pensamento desenvolvida pelas autoras, quando o foco da escrita incide sobre o código linguístico, tem-se uma percepção segundo a qual a linguagem é um sistema acabado e à

<sup>1</sup> Ainda que o corpo não seja considerado a priori um elemento de importância singular no campo desses estudos, convém citá-los para pensarmos em possibilidades de aprofundamento e de ampliação de tais propostas.

disposição do sujeito que, para escrever, basta dominar o código da língua e se apropriar das regras de sua gramática, sendo o sujeito uma espécie de predeterminação do sistema linguístico e o texto um produto que parece resultar de uma codificação linguística. Tem-se, pois, um apagamento do sujeito que escreve, bem como do seu corpo e do papel ativo do outro.

Por outro lado, quando o foco recobre o sujeito escritor, tem-se uma concepção de escrita como uma representação do pensamento que é tributária de “um sujeito psicológico, individual, dono e controlador de sua vontade e de suas ações” (KOCH; ELIAS, 2012, p. 33). A língua, por sua vez, representa, de maneira transparente e lógica, o pensamento do escritor, de maneira a desconsiderar que esse sujeito e seu corpo são atravessados pela própria linguagem, bem como negligencia a alteridade que permeia o processo da escrita. Trata-se de uma concepção unilateral de escrita, que leva em conta somente a dimensão do processamento mental do escritor – entendida como autônoma em relação ao processo de escrita.

Diferentemente do que acontece nos casos anteriores, quando se compreende a escrita enquanto um processo de interação, leva-se em consideração que a atividade de produção de um texto é fundamentalmente constituída por um processo responsável por englobar não apenas o sujeito que escreve e o código linguístico, mas, sim, as relações que são estabelecidas entre o sujeito escritor, o sujeito leitor e o texto como um evento comunicativo, situado histórica e socialmente. Tudo se processa da seguinte forma: “o produtor, de forma não linear, pensa no que vai escrever e no seu leitor, depois escreve, lê o que escreveu, revê ou reescreve o que julga necessário, num movimento constante e *on-line* guiado pelo princípio interacional” (KOCH; ELIAS, 2012, p. 34). Ora, assim sendo, é possível defender que as mais diversas estratégias linguísticas empregadas pelo escritor estão a serviço de um projeto dizer que não se resume a atender aos caprichos de um ego, senão se atrelam às representações que o escritor constrói de seu pretense leitor e das características relativas ao propósito comunicativo que pretende alcançar, ao gênero de texto com o qual está lidando e à comunidade discursiva em que se insere.

Esta concepção abre espaço, portanto, para pensarmos numa conjugalidade do sujeito com o outro, com o texto, com o contexto e com uma certa corporeidade a qual é necessário administrar no momento em que se escreve e para além da prática da escrita. Tal corpo somatiza-se no que poderíamos denominar de uma subjetividade corporal que é responsável por fazer aflorar, a título de exemplo, “nossos sentimentos de inveja, de ressentimento, de rancor, de aversão, de rivalidade, de desprezo, de medo, de amor, de admiração, de amizade, de fascínio, de admiração, de devoção, de submissão e de revolta” que “aparecem naquele texto tão racionalmente preparado” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2018, p. 59). É que, como afirmou Michel de Certeau (2011), em todo ato de escrita que realizamos, o corpo é presença incontornável, ou seja, toda vez que alguém se coloca na posição de escritor, o corpo está envolvido no processo de escritura. E não apenas porque (quase) sempre o fazemos pela nossa mão, mas porque o corpo é tomado pela escrita desde o momento da “produção acelerada de adrenalina para nos manter espertos e capazes de reflexão e ação, até nossas emoções, nossos desejos, nossas pulsões, que, de alguma forma, se imiscuem, muitas vezes, sem controle naquilo que escrevemos” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2018, p. 59).

Mesmo quando a escrita é essencialmente profissional, não se pode prescindir desses aspectos, porque a atividade de produção de texto é sempre situada. E mesmo no caso de escritas encomendados, de textos feitos por encomenda, como foi o caso, por exemplo, de *A via crucis do corpo*, de Clarice Lispector: “Quero apenas avisar que não escrevo por dinheiro e sim por impulso” (1998a, p. 12), impulso de um corpo desafiado a escrever sobre um tema que lhe fora colocado. Como disse a autora em *A descoberta do mundo*, sobre a atividade de escrita: “Vocês podem me dizer o que lhes interessa, sobre o que gostariam que eu escrevesse. Não prometo que sempre atenda o pedido: o assunto tem que pegar em mim, encontrar-me em disposição certa” (1999, p. 446). Há sempre um corpo que envolve a escrita, um corpo que tem pretensões, que decide sobre o que e sobre o como escrever, ainda que a escrita seja encomendada, o controle é do corpo que escreve. Claro, um corpo incompleto, que se inteira com outro corpo, o corpo do sujeito que lê, conforme supôs a autora em *Água viva*: “Sou um coração batendo no mundo. Você que me lê que me ajude a nascer” (1998b, p. 33).

Nesse ponto, sem querer forçar uma aproximação teórica das reflexões que faz Clarice Lispector sobre a escrita com alguma vertente teórica, não se pode negar que há uma ligação entre

as lições da autora e os pressupostos teóricos de correntes de estudos linguísticos mencionadas nesse trabalho, como a Linguística Textual, sobretudo no tocante a reconhecer a existência de um sujeito real, que escreve sempre de um lugar específico, movido por algum interesse, para alcançar algum objetivo comunicativo em relação a um outro sujeito. Ou, nos termos do que propôs Geraldí (1997) para o ensino de produção de textos na escola, mas que pode ser estendido para qualquer circunstância ou modalidade de escrita de textos, o trabalho de produção textual não dispensa que o sujeito que escreve tenha algo que dizer, que tenha uma razão para dizer o que se tem a dizer, que tenha para quem dizer o que se tem a dizer, que se constitua como sujeito que diz o que tem a dizer para quem diz, que escolha estratégias adequadas para dizer o que tem a dizer a quem diz. Ter em conta esses aspectos é substancial para que se aprenda a escrever sem simular situações de escrita, para que se escreva de fato em situações reais de uso da língua escrita.

### **Análise das dicas de escrita**

Numa simples pesquisa em sítios eletrônicos de busca na *internet*, encontramos vários artigos ou postagens de textos de gêneros diversos com dicas de escrita. Filtrando ainda a busca, facilmente descobrimos textos que apresentam algumas dicas ou mesmo técnicas que ensinam aos jovens escritores sobre como atrair a atenção do leitor para o texto já no início da leitura. Para os fins desse trabalho, foram selecionadas três matérias *online* de revistas e de portais eletrônicos que orientam jovens escritores na produção de textos: *A sedução da decolagem*, da Revista Língua Portuguesa, *Como encantar o leitor do seu texto na primeira frase*, da Comunidade Rock Content, e *Técnicas para captar a atenção do leitor nas primeiras linhas da história*, do Portal Ficção em Tópicos. Essas três matérias têm em comum a suposição de que o contato inicial do leitor com o texto é substancial para que se dê prosseguimento à leitura, para que o texto seja lido até o final.

Na primeira matéria, encontramos um conjunto de nove estratégias de escrita, de dicas que podem ser utilizadas pelo escritor para seduzir o leitor no início do texto. Como sugere o título, a revista constrói uma metáfora a partir da comparação entre o início da leitura de um texto e a decolagem de um voo. Logo, se todo voo demanda uma decolagem única para seguir certo percurso, também quem resolve escrever um texto deve adotar alguma estratégia que determine ou mesmo oriente o plano de leitura a ser desenvolvido pelo leitor. A estratégia adotada deve *fisgar o leitor logo de início*. É uma espécie de preparação para o voo que se alçará de quando da leitura do texto. Daí a necessidade de o escritor preocupar-se com a maneira de como iniciar o texto. Dentre as dicas sugeridas pela revista, estão:

1. Imagine ser o locutor
2. Escolha o tom
3. Procure a ação mais significativa
4. Mas não entregue tudo de início
5. Tenha conhecimento de causa
6. Use aberturas visuais
7. Contrarie a expectativa
8. Incômodo e deslumbramento
9. Use referências com cuidado

Cada dica corresponde a um plano de voo. Alguns desses planos se relacionam de maneira bastante evidente, como o primeiro e o sétimo, o terceiro e quarto, por exemplo. A primeira dica sugere um deslocamento de papéis: o escritor deve imaginar-se como leitor, colocar-se no papel do leitor que receberá o texto e refletir criticamente sobre o que está escrito no início do texto, ponderando se continuaria (ou não) a leitura a partir desse ponto inicial. A estratégia sétima sugere algo semelhante: contrariar a expectativa do leitor, usar fatos contrastantes ao esperado já no início do texto. Para isso, também, o escritor carece de colocar-se no lugar do leitor, prever o que poderia esperar, supor o mais convencional e romper com a expectativa. É o que fazem renomados autores de clássicos literários, como Machado de Assis e Leon Tolstói, por exemplo, que iniciam textos de seus livros com passagens impactantes, contrariando as expectativas dos leitores e conquistando-

os para a leitura.

Pelo menos uma ponderação a respeito precisa ser feita. O caráter generalizante desse tipo de dica de escrita ignora a subjetividade dos leitores do texto. Mesmo que um texto seja produzido para um público em específico, que o escritor direcione o texto para esse público, tomando em conta suas crenças e seus interesses, ainda assim, não se pode desconsiderar os gostos, os estilos de cada leitor. De maneira que, o emprego de alguma dessas técnicas não é garantia de que o leitor desenvolva interesse pelo texto, de que *seja fisgado* pelo texto logo de início ou de que leia o texto por completo, conforme se pretende. Em analogia, não há nenhuma garantia de que o voo decole.

Também as demais dicas podem sim tornar o texto mais convidativo, todavia, é necessário ter atenção e cuidado no emprego. A dica de número oito sugere que se comece o texto provocando algum incômodo ou deslumbramento no leitor. É como se pretendesse simular algum desconforto, algum estranhamento no leitor, provocar-lhe um incômodo para intrigá-lo. São exemplos desse estilo *A metamorfose*, de Kafka, e *Grandes Sertões: Veredas*, de Guimarães Rosa. Nesse último, o autor principia o livro com: “Nonada. Tiros que o senhor ouviu foram de briga de homem não, deus esteja.” (ROSA, 2006, p. 05).

O jogo de palavras, a sonoridade criada, a ausência de respostas imediatas para os fatos já anunciados criam uma cenografia que causa estranhamento ou incômodo no leitor. Na obra, o recurso é utilizado por Guimarães com maestria. Muitos de seus leitores admiram justamente essa capacidade criadora, essa liberdade de uso da linguagem, de criação de neologismos, de começos inusitados. Mas também é motivo de críticas, porque a criatividade pode tornar-se dificuldade de leitura. Não são raros os depoimentos de leitores, até mesmo experientes, que abandonaram o livro nas primeiras páginas, que não conseguiram compreender o início estranho e ousado, que não foram conquistados. Ao invés de estimular o leitor a conhecer o desfecho do início, o recurso pode afastar o leitor do texto. As dicas apresentadas pela Comunidade Rock Content procuram ensinar jovens escritores como conquistar o leitor já na primeira frase do texto. Sugerem que a primeira frase do texto é decisiva nesse processo de conquista do leitor, por isso há que se tomar cuidado em como iniciar o texto propriamente, em termos linguísticos. São apresentadas ao menos sete dicas:

1. Pense bem na frase que inicia o primeiro parágrafo
2. Cause identificação
3. Desperte a curiosidade
4. Chame a atenção com fatos concretos
5. Informe quais benefícios a leitura daquele texto trará ao leitor
6. Faça alusão a uma obra da cultura pop
7. Deixe a redação do primeiro parágrafo para o final

Algumas dessas dicas são vagas, quase em nada orientam aos escritores, e, por isso, são desdobradas em outras dicas, como a primeira, que sugere pensar na frase que inicia o primeiro parágrafo. Refere-se às possibilidades de se iniciar o parágrafo: fazendo uma pergunta, usando uma citação, uma declaração forte, definindo um conceito. Nesse caso, importa escrever algo criativo ou que desperte a curiosidade do leitor, conforme sugere a terceira dica apresentada. Isso ainda pode ser feito com a citação de uma obra ou de um autor – outra dica sugerida.

Em particular, interessa-nos refletir sobre cinco e sete. Estabelecer diálogos com o leitor, fazer acordos, informar sobre os benefícios que podem ser alcançados durante a leitura do texto pode ser uma estratégia de conquista, mas nem todos os textos permitem ao autor o emprego desse recurso. Alguns gêneros textuais oferecem essa possibilidade de abertura de diálogo, mas outros não. Nisso reside outro problema desse tipo de dica genérica: tomar os textos como se todos tivessem o mesmo sistema de escrituralidade.

Conforme define Marcuschi (2008), os gêneros textuais são realizações linguísticas que apresentam características sociocomunicativas definidas por conteúdos temáticos, por atributos funcionais, estilo e composição característica. Jamais podem ser reduzidos a uma categoria única de texto, como se os sistemas de funcionamento e de composição estrutural fossem os mesmos. Cada gênero, cada categoria de texto possui um sistema de escrituralidade específico, que, inclusive, pode ser modificado a depender da situação de comunicação. Com efeito, esse tipo de dica pode

ser aplicado a textos pertencentes a um dado gênero, mas a outros não. E esse aspecto não pode ser desconhecido quando se pretende ensinar a escrever.

A última dica dessa matéria é, na verdade, uma recomendação sobre o processo de escrita de um texto: redigir o primeiro parágrafo ao final do texto. Essa dica parece estar muito mais voltada para o escritor do que para o convencimento do leitor. Sugere romper a linearidade do processo de escrita do texto (início, meio e fim) para facilitar a construção do produto final. Ademais, ignora que a introdução não serve apenas como adorno do texto, mas norteia a escrita, aponta os direcionamentos que serão seguidos pelo autor, pode resumir o conteúdo do texto, dentre outras funcionalidades. Nesse caso, igualmente, importa o gênero textual que se pretende escrever, porque um parágrafo de introdução pode assinalar orientações diversas, finalidades diversas.

O último conjunto de dicas é direcionado, *a priori*, para textos de ficção. Essa ressalva é importante porque permite que se compreenda o direcionamento das técnicas que são apresentadas para se captar a atenção do leitor nas primeiras linhas da história contada. Apesar disso, algumas delas parecem repetir as sugestões de outras dicas que foram anteriormente mencionadas, conforme se pode verificar a seguir:

- Envolve os seus personagens em situações misteriosas
- Comece com uma afirmação chocante
- Inicie sua história com a reflexão de um personagem
- Apresente alguma característica curiosa sobre o personagem principal
- Apresente já nas primeiras linhas um cenário atípico
- Apresente e depois faça sumir um objeto de extrema importância
- Inicie com contrastes na cena de abertura
- Choque o leitor com um fato ou revelação surpreendente
- Inicie apresentando uma notícia de jornal, um artigo ou uma carta.
- Inicie com uma piada, anedota ou um acontecimento engraçado.
- Crie sensação de intimidade fazendo o personagem revelar seus segredos
- Coloque dois personagens em uma situação de confronto
- Surpreenda as expectativas do leitor
- Jogue contra o tempo
- Use metáforas para descrever e ilustrar as emoções dos seus personagens.
- Jogue com o significado das palavras.
- Coloque uma pergunta intrigante na mente do leitor.

Algumas dicas sugerem situações de mistérios (primeira), provocações ao leitor (segunda, quarta, quinta, oitava, décima, décima terceira), situações de contraste ou de confronto (sétima e décima segunda), semelhante ao que foi, também, apontado pelas estratégias das outras matérias citadas – mesmo que naquelas as dicas recomendadas apresentem um caráter mais generalizante, para todos os gêneros de texto. Outras focalizam muito mais os gêneros da ficção, como, por exemplo, a terceira e a décima quinta.

O uso de linguagem metafórica, de figuras de linguagem, é, de fato, um recurso estilístico típico dos textos de ficção, nos quais o trabalho criativo com a linguagem, com o significado das palavras (décima sétima) constitui componente importante para agregar qualidade ao texto, seja porque auxilia na compreensão ou mesmo porque deixa o texto mais sensível às nuances da linguagem. É o que faz, a título de ilustração, José de Alencar, no início de um dos capítulos de *Iracema*: “Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira” (ALENCAR, 1987, p. 14). Talvez não seja necessário mencionar que o uso exagerado de linguagem metafórica pode provocar efeito inverso: comprometer ou dificultar a compreensão do texto.

Interessante, ainda, refletir sobre a última técnica. Dar início ao texto com uma pergunta não é uma estratégia exclusiva dos textos de ficção, mas também de outros gêneros e tipos, como os textos argumentativos, por exemplo. A pergunta pode focalizar o conteúdo do texto, mas pode também apontar a direção do texto, o percurso gerativo de sentido que pretende o autor. Todavia, há que se cuidar para que a pergunta não sirva apenas de adorno para o texto, como se fosse um

recurso para enfeitar o texto. É preciso que cumpra alguma função no texto, senão não há razão para que seja posta no início do texto.

## Considerações

No geral, as dicas sempre procuram auxiliar o jovem escritor, principalmente, no ofício de escrever. Orientações a respeito da prática de escrita podem ser relativamente importantes nas sociedades contemporâneas, de quando da democratização da educação, do acesso ao conhecimento, ao mundo de relacionamentos em redes virtuais. Tudo isso ofereceu a oportunidade de escrever, com maior ou menor frequência, sobre os mais variados temas e assuntos, nas situações mais corriqueiras e também mais formais que se possa imaginar. A tecnologia da *internet*, em especial, democratizou a escrita, ou melhor, a atividade de escrever – mesmo que não caiba aqui um julgamento a respeito da qualidade desse tipo de escrito ou do escritor.

Todavia, caso o escritor busque orientar-se por essas dicas, é preciso ponderar a respeito das dificuldades que elas apresentam. O caráter generalizante, o fato de ignorar, pelo menos a maioria, a subjetividade do leitor, as especificidades dos gêneros textuais, dentre outros aspectos, podem tornar esse tipo de orientação prejudicial ao jovem escritor. Com efeito, não dá para seguir à risca esse tipo de escrita como garantia de que o texto terá qualidade ou de que agradará o leitor, a ponto de conquistá-lo a realizar a leitura por completo ou mesmo a se interessar por outros textos do mesmo escritor.

Segundo alerta Monteiro (2014, n.p.), “é preciso ter cuidado com as fórmulas - empregada à risca, uma fórmula costuma converter-se numa armadilha que engolfa o escritor, tornando-o escravo de um fantasma, que é aquele leitor que ‘só vai gostar do meu texto se eu agradá-lo’”.

Além disso, a preocupação excessiva em agradar ao leitor, em conquistá-lo torna o ato de escrever excessivamente comercial. Importa escrever para conseguir um grande número de leitores. Tal prática nos lembra de questionamentos levantados por Clarice Lispector (2010, p. 25) sobre o ato de escrever: “Será que escrever não é um ofício? Não há aprendizagem, então?”. Ora, nem sempre se escreve com fins comerciais, nem sempre se escreve para agradar, a escrita é antes de tudo uma forma de expressão, de se expressar perante o outro, mesmo que o outro nem sempre se agrade da forma como se expressa o escritor.

Finalmente, o emprego despreocupado desse tipo de dica, dados os pontos acima apresentados, acaba, ainda, cerceando os usos expressivos da linguagem de que dispõe o escritor de um texto. Ora, conforme sabiamente observou Chomsky (1972, p. 14): “o homem tem uma faculdade, [...], um tipo único de organização intelectual, que não pode ser atribuído a órgãos periféricos ou relacionados à inteligência geral e se manifesta naquilo que podemos designar como “aspecto criador” do uso ordinário da língua [...]”. Esse caráter criativo da linguagem, que se expressa de diversas formas, principalmente em situações de produção, não pode ser cerceado, sob pena de comprometer o processo de comunicação, a atuação do escritor.

## Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. Uma noite aos arrepios: reflexões em torno da história das sensibilidades. In: PRIORI, C. SILVA, C. G. VÁSQUEZ, G. G. H. (OrgS.). **Perspectivas Transculturais e Transnacionais de Gênero**. Porto Alegre: Editora Fi, 2018, p. 49-74.

ALENCAR, J. **Iracema**. São Paulo: Moderna, 1987.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Edição de Luce Giard. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

CHOMSKY, N. **Lingüística Cartesiana**: um capítulo da história do pensamento racionalista. Tradução de Francisco M. Guimarães. Petrópolis: Vozes, 1972.

FERREIRO, E. TEBEROSKY, A. **Psicogênese da Língua Escrita**. Trad. Diana Myrian Lichtenstein et all. Ed. Artmed, Porto Alegre, 1999. Reimpressão 2008.

- FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: **O que é um autor?** Lisboa: Passagens. 1992.
- GERALDI, J. W. **Portos de Passagem** – texto e linguagem. 4. ed. SP: Martins Fontes, 1997.
- HAVELOCK, E. **A revolução da escrita na Grécia e suas consequências culturais**. São Paulo: Editora da UNESP/Paz e Terra, 1996.
- KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. São Paulo: Contexto, 2012.
- LISPECTOR, C. **A via crucis do corpo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998a.
- LISPECTOR, C. **Água viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998b.
- LISPECTOR, C. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MONTEIRO, P. **Lições de escrita**. 2014. Disponível em: <<https://meiramonteiro.com/licoes-de-escrita/>>. Acesso em: 01 de fevereiro de 2019.
- ROSA, J. G. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- TEBEROSKY, A. COLOMER T. **Aprender a Ler e a Escrever: uma proposta construtivista**. Porto Alegre Artmed. 2002.
- VASQUEZ, P. **De escrita e vida: Crônicas para jovens**. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

Recebido em 23 de maio de 2019.

Aceito em 17 de janeiro de 2020.